

Trans-humanismo, uma perspectiva junguiana

Por Ricardo Pires de Souza¹

O trans-humanismo é uma linha de pensamento que se fundamenta na superação do biológico. Parte da premissa de que somos seres inacabados (como, aliás, o são todos os seres vivos) e que, portanto, não há um ser humano ontologicamente definido. E enquanto vivos nos resumimos à instância física, sendo a consciência apenas um epifenômeno da biologia.

Somos uma espécie em evolução e, desse modo, não há porque não utilizarmos todos os recursos possíveis que a ciência e a tecnologia venham a colocar à nossa disposição no sentido de nos superarmos e às nossas limitações.

Nanotecnologia na cura e no controle de doenças, próteses e órteses mecânicas e cibernéticas na reabilitação de limitações físicas e eventualmente no simples melhoramento humano, neurofarmacologia no controle de doenças mentais, depressões e sofrimentos emocionais e – por que não? – na mudança de traços da personalidade e na supressão de memórias indesejáveis, utilização de células-tronco, clonagem, engenharia genética e até mesmo vida sintética, elementos possíveis de uma medicina anti-envelhecimento que, em algum momento do futuro pode nos levar a viver rotineiramente 150, 200 anos – por que não mais?

No processo superação do biológico surge então a fusão homem-máquina e por que não ficarmos somente com a mente – este tão valorizado epifenômeno – totalmente inserida num maquinário de durabilidade perpétua, tornando-nos finalmente imortais, trans-humanos?

Se levarmos em consideração a aceleração exponencial do conhecimento decorrente da Revolução da Informação e da Revolução Biotecnológica nos últimos 30 anos, não parece de todo improvável a possibilidade de ocorrência de uma 'singularidade tecnológica', que basicamente prevê que num futuro próximo (talvez muito próximo), um avanço tecnológico incalculável ocorrerá num espaço de tempo muito curto, com conseqüências que, se não de todo previsíveis, possivelmente se aproximariam do "Admirável Mundo Novo" de Huxley: um mundo geneticamente determinado no qual introversão, solidão, sofrimento e envelhecimento – hoje satanizados – seriam simplesmente abolidos.

Por que isto não daria certo? Por um motivo simples: porque um ser humano sem suas ambigüidades, antinomias, seu sofrimento (que lhe dá referencial para sua felicidade), sem envelhecer nunca e, sem porventura morrer (o que de todo modo não parece possível), não seria humano nem trans-humano nem coisa alguma que se pudesse colocar na posição de observador de si mesmo, a única que faz de nós – seres humanos – distintos de todo o restante do universo conhecido.

Nos conceitos Junguianos de individuação e si-mesmo está entranhada a idéia de "ser o que se é" ou "quem se é", mas para isso é necessário saber o 'que' ou 'quem' se é.

Podemos começar por aquela instância da psique que pergunta: "o que eu sou?" ou "quem eu sou?": a consciência – e seu centro, o eu (ou ego).

Nós somos esta instância psíquica que conduz a vida da maioria dos homens e mulheres civilizados deste começo de século XXI. A que possui o pensamento dirigido, detém a linguagem verbal, e produz a ciência e a tecnologia. A partir disto se produz, nos planos biológico e social, melhor alimentação, maiores e melhores recursos, maior proteção contra doenças, melhor qualidade de vida, maior longevidade. No plano psíquico se produz conhecimento em auto-multiplicação exponencial, maior tolerância, mais e melhores leis, e

¹ Médico - Instituto Junguiano de São Paulo. Associação Junguiana do Brasil. E-mail: ricapires@uol.com.br

princípios éticos (em contra-partida, no momento, estes avanços não apresentam universalidade e geram degradação dos recursos da Terra e dissociação psíquica, entendida inicialmente aqui como distanciamento do homem de si mesmo, ou do 'que' ou 'quem' realmente é).

Mas ainda assim – e embora a consciência relute em aceitar - não somos apenas esta instância psíquica chamada 'consciência'. E se olharmos como legítima somente a consciência discriminadora, não poderemos de fato saber o 'que' ou 'quem' somos nós.

Somos também uma máscara ou *persona* como a qual a consciência e o eu se apresentam ao mundo. Em sua função de adaptação ela é conveniente e necessária (na verdade, ela é inevitável). Mas pode ser artificialmente exagerada e o eu pode se identificar e confundir com ela, originando então uma personalidade inventada, tanto mais inventada quanto mais artificial for a máscara e maior for a sua identificação com ela. Obviamente, se pensarmos que somos apenas a máscara, não poderemos saber o 'que' ou 'quem' somos.

Somos também (e não 'temos') um inconsciente, uma psique não-consciente que se compõe principalmente por coisas que esquecemos, recalamos ou reprimimos de nossa psique consciente. Uma psique inconsciente de caráter essencialmente pessoal e que construímos a partir de nosso nascimento. Mas que ainda assim aparece em nós o tempo todo produzindo desvios na atuação da psique consciente, ou – através dos complexos – condicionando comportamentos cronicamente neuróticos.

Jung chamou esta instância psíquica literalmente de 'inconsciente pessoal'.

Uma sombra da consciência existe neste inconsciente pessoal, uma antítese da *persona*, a alternativa preterida das nossas escolhas, aquilo que simplesmente não gostaríamos de ser.

Este inconsciente pessoal atua – como toda a psique – de forma intencional. E seria ingênuo supor que apenas nossas defesas neuróticas – supostamente removíveis pelo processo de análise – nos separam do 'que' ou 'quem' realmente somos.

Mas ainda não somos só isso. Existem extratos mais e mais profundos de nossa psique – portanto mais inconscientes – que herdamos de nossa ancestralidade (familiar e mais imediata, e retrogradamente mais e mais distante no tempo, até nosso ancestral humano mais distante, do qual todos nós descendemos geneticamente).

E então, mais para trás, quando fomos *Homo heidelbergensis*, *Homo ergaster*, *Homo erectus*, *Homo habilis*, *Australopithecus aferensis*, ou ainda o *Ardipithecus ramidus*.

E existem outros extratos filogeneticamente ainda mais profundos e distantes, remontando ao próprio início da vida e da criação.

Dentro deste inconsciente profundo e antigo estão nossas reminiscências biológicas e psíquicas de quando fomos pequenos roedores, répteis, anfíbios, peixes, vermes marinhos, anêmonas, esponjas, bactérias, aminoácidos, água, rocha, poeira cósmica, hélio e hidrogênio; de quando fomos uma partícula de matéria extremamente densa e quente que há 13,7 bilhões de anos iniciou a expansão do universo.

Estão nestas profundidades psico-biológicas – e, em última análise, quânticas – arquétipos ancestrais que habitam nossa existência desde antes de nascermos. O nada, o '1', o ponto, o '2' e todas as dualidades, o '3' e todas as trindades, o '4' e todas as quaternidades, o círculo, a imagem materna, a imagem paterna, a alma – *anima* e *animus*, o irmão ou a irmã, a própria consciência e o eu, a *persona* e a sombra, o velho sábio, o herói, etc. e, por fim, o arquétipo central, centro e totalidade da psique, a *imago Dei* (imagem de Deus) por excelência, o si-mesmo.

A psique inconsciente evidencia sua existência por meio de uma linguagem imagética e simbólica (para a consciência) que aparece nos sonhos, nas fantasias, nas visões e

alucinações, na mitologia e na arte (embora estas duas últimas passem em maior ou menor grau, pelo crivo da consciência).

Jung chamou este inconsciente profundo, não pessoal, de 'inconsciente coletivo'.

Identificar-se exclusivamente com a psique inconsciente não é aceitável na comunidade humana. Tais pessoas são tratadas no campo da psicopatologia por sua usual desadaptação. Não podemos, portanto, ser exclusivamente inconscientes, e a psique inconsciente sozinha não pode ser o 'que' ou 'quem' somos.

No entanto, vimos que também a consciência sozinha não pode ser a totalidade daquilo 'que' ou 'quem' somos.

Desse modo, descobrir o 'que' ou 'quem' se é passa pela síntese – na medida do possível – de nossas personalidades parciais, conscientes e inconscientes, quase sempre em conflito umas com as outras.

A esta totalidade psíquica (incluindo-se aí obviamente o biológico) Jung deu o nome de 'si-mesmo' (*Selbst*, em alemão, e *Self*, em inglês), designando uma espécie de 'ser natural', homem integral no qual consciência e inconsciente se integram de forma harmoniosa permitindo a emergência de um novo centro da psique, nem um nem outro, mas o próprio si-mesmo: simultaneamente centro e totalidade psíquicos.

Tal proposição nada tem de aleatória ou casuística, mas deriva da observação de que este 'homem pleno' percebido como 'valor supremo' surge (e sempre surgiu) espontaneamente da psique humana nas tradições religiosas e místicas, mitologias, visões, fantasias e sonhos, sendo indissociável da 'imagem de Deus'.

Partindo de uma psique inconsciente ao nascer, o homem, em sua fase inicial de desenvolvimento, estrutura o eu (ego), sua psique consciente, cuja função é se relacionar com o mundo e com o coletivo, uma função de adaptação e discriminação, e é de sua natureza se destacar do inconsciente.

No inconsciente está a criatividade humana e também todos os seus 'demônios', conteúdos que ameaçam a consciência.

Na consciência está a capacidade de discernimento e de reflexão, e a ilusão de que o inconsciente pode e deve ser sempre controlado ou ao menos ignorado.

No entanto, o inconsciente age como psique autônoma (desde o princípio e desde antes da consciência), manifestando-se todo o tempo e influenciando o eu por meio de suas imagens simbólicas extremamente poderosas em função de seu caráter numinoso e fascinante: os arquétipos.

E dentre todos os arquétipos que constituem a base psíquica de todo ser humano, destaca-se o arquétipo central, o si-mesmo, centro da psique total que inclui a quase delimitável consciência e o inconsciente incomensurável; e simultaneamente a própria totalidade psíquica.

A partir da segunda metade da vida (não medida cronologicamente, mas profundamente individual, sejam nossas expectativas de vida de 30, 70 ou 200 anos), o processo de individuação impele o homem a buscar a integração entre a consciência e o inconsciente, estando este movimento a serviço do si-mesmo, a psique total.

A busca do ser humano natural e completo (não perfeito!) é em si o valor supremo, e esta corresponde à busca do si-mesmo por meio do processo de individuação.

Somente a partir da transformação do indivíduo, pode a humanidade se transformar. Enquanto isto não acontecer, 'indivíduos' continuaram a eleger 'Hitlers', a apertar botões que detonem bombas atômicas, a jogar aviões em construções civis, a matar, a estuprar, a roubar e a fazer todas as coisas (dissociadamente humanas) que nenhuma proposição de 'felicidade eterna

coletiva' decorrente de uma 'juventude eterna' nos livrarão de ver acontecendo todos os dias, hoje ou em qualquer futuro 'trans-humano'.

Carl Gustav Jung reiteradamente se declarou um cientista, embora também reiteradamente observasse na radicalidade e na unilateralidade do pensamento científico uma expressão da unilateralidade da psique consciente do homem moderno, dado, ao longo da história, a fundamentalismos já que imputa (erroneamente) à consciência e à razão a capacidade e a incumbência de dar conta da totalidade humana e de seu mistério.

Desse modo, para Jung *“O fato psíquico “Deus” é um tipo autônomo, um arquétipo coletivo... O arquétipo é uma formação psíquica inconsciente, mas que tem existência real, independentemente da posição tomada pelo consciente. É uma existência anímica, que como tal não pode ser confundida com o conceito de um Deus metafísico. A existência de um arquétipo nem estabelece nem nega Deus.”* (JUNG, V § 89²⁹)

Assim, sem as prerrogativas exclusivas da interpretação metafísica e do entendimento da razão pura (que no que diz respeito do inconsciente e de seus conteúdos apenas finge que não existe aquilo que não consegue explicar), resta se fiar na potência do símbolo que desde sempre vem dando sentido à vida do homem.

É o que é o 'si-mesmo': um símbolo.

É o que nós somos: seres simbolizadores e, portanto, nós mesmos simbólicos.